



Os Intercâmbios Agroecológicos como ferramenta pedagógica: experiência no Assentamento Dênis Gonçalves- Goianá- MG

The Agroecological exchanges as an educational tool: experience in the Assentamento Dênis Gonçalves- Goianá- MG

FIUZA, Alvaro Mendonça¹

¹ Universidade Federal de Viçosa, alvaro.fiuza@ufv.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico

Resumo: Este trabalho se trata de um Relato de Experiência Técnica sobre um Intercâmbio Agroecológico, realizado em maio de 2023, pelo ECOA (Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia- da UFV) junto com os alunos da disciplina PRE400 (Projeto de Construção da Troca de Saberes) a convite do Assentamento Dênis Gonçalves, do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). A viagem ocorreu após uma aula teórica que abordou o tema "Como se constrói o conhecimento agroecológico na Zona da Mata Mineira", como forma de concretização prática do conhecimento adquirido pela turma, e a busca de inspiração para replicar métodos pedagógicos similares durante a Troca de Saberes. Evento este que ocorre desde 2009 na Universidade Federal de Viçosa e que realiza espaços de diálogo e promoção da agroecologia junto com os membros da Acadêmia e a população rural local.

Palavras-chave: agroecologia, vivência, educação do campo.

Contexto

A Troca de Saberes é um evento que acontece desde 2009 na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ela tem por finalidade ser um espaço de discussão onde os diferentes tipos de conhecimento se encontram. Entre estudantes, professores, pesquisadores, agricultores camponeses, povos indígenas e quilombolas, são discutidos diversos temas, como agroecologia e cultura popular. O evento normalmente tem duração de três dias e é metodologicamente construído visando seu objetivo, de ser ponto de encontro para diferentes tipos de saber. Por isso faz-se apropriação de metodologias participativas, como Círculos de cultura e Instalações artístico-pedagógicas (IAPs), além de diversas expressões artístico-culturais.

A construção da Troca de Saberes é feita por muitas mãos, que organizam os processos necessários para que o evento aconteça. No ano de 2023 foi oferecida aos estudantes da UFV a disciplina PRE 400 (Projeto de construção da Troca de Saberes), como forma de estimular a participação dos estudantes. Adotando métodos diferenciados, a matéria PRE 400 não se organizou como a maioria das outras que ocorrem na universidade, em que há a figura de um professor que, como sugere Freire (2021) no livro *A pedagogia do oprimido*, como afirma Paulo Freire em "A pedagogia do oprimido" (2021), com uma concepção bancária do conhecimento, enxerga os alunos como passivos receptáculos de informações. Ao invés disso, as



aulas da disciplina ocorreram como discussões abertas e com participação ativa de todos os envolvidos

Foram ministradas aulas por professores convidados de diversos cursos da universidade, sendo uma matéria multidisciplinar e com a participação de várias áreas do conhecimento, desde as ciências agrárias até as humanidades. A fim de aumentar e aprofundar os temas que são base para a realização da Troca, houveram, por exemplo, discussões acerca de místicas e da filosofia do movimento agroecológico. Mas, o tema principal para a realização do presente relato foi a discussão sobre como se constrói o conhecimento agroecológico dentro da Zona da Mata Mineira. Em especial, no debate sobre a fundamentação teórica de metodologias pedagógicas muito usadas no meio, como os círculos de cultura e os Intercâmbios Agroecológicos.

De acordo com da Silva (2022, p.6):

os intercâmbios podem ser compreendidos na forma como os atores envolvidos no movimento de agricultura alternativa trocavam informações e técnicas desenvolvidas por outras organizações ou pelos agricultores experimentadores (SILVA, 2022, p.6).

Neste caso, ainda houve a participação de alunos universitários, que entram como observadores e tomadores de consciência crítica acerca da realidade. Na participação como membros da universidade em um ambiente como foi o Intercâmbio, um local de pequena agricultura familiar e com comunicação direta com os produtores, há alguns cuidados que devem ser tomados. Principalmente, no que tange à invasão cultural e ao academicismo, visto que há uma tendência geral da falta do diálogo e da vangloriação do conhecimento científico como sendo o único correto.

Os membros do ECOA e os estudantes da disciplina PRE400 foram convidados a participar de um Intercâmbio Agroecológico no Assentamento Dênis Gonçalves, do MST, visto que os representantes do lugar já eram parceiros do grupo. E isso foi tido como oportunidade de colocar em prática toda discussão teórica-metodológica sobre a pedagogia dentro da agroecologia. Como a metodologia escolhida para o dia foi a de Intercâmbio, houveram alguns procedimentos usuais, advindos de um arcabouço teórico sobre o uso desta prática, principalmente da técnica cubana "*Campesino a campesino*" (SOSA *et al.*, 2013). A concepção de Sosa (2013) de um intercâmbio agroecológico segue o mote "quando o camponês vê, o camponês acredita", mas nesse caso seria mais conveniente dizer "quando o estudante vê, o estudante acredita", já que se tratou de um espaço que recebeu alunos universitários sedentos por novas experiências educacionais fora das salas de aula.



Descrição da Experiência

A vivência, aqui relatada, aconteceu em maio de 2023, no outono, estação fria, principalmente na Zona da Mata. E, como era de se esperar, a manhã nasceu nublada. A van, saindo do campus da UFV, já esperava, pontualmente, o grupo às sete horas da manhã na entrada da universidade. A viagem até Goianá não seria muito longa, cerca de três horas, mas havia um clima de ansiedade acompanhando o trajeto. Esse vinha tanto dos professores membros do ECOA que não iam ao assentamento desde 2019, devido à pandemia de COVID, quanto dos alunos que nunca tinham visitado o lugar. Chegando lá, saindo da rodovia principal e entrando em uma singela estrada de terra, o Sol saudou os visitantes junto com os habitantes que os receberam de braços abertos. O ambiente que se mostrou ali trouxe uma nova atmosfera de expectativa para os convidados, houveram alguns reencontros, grandes abraços e, para os novatos, se abriram grandes possibilidades de se explorar o lugar.

A primeira atividade do dia, então, foi uma recepção na Sede do Assentamento, onde se encontravam uma IAP (Instalação Artístico-Pedagógica) sobre a história da ocupação, e uma farta mesa da partilha. Iniciou-se com uma rodada de apresentações, onde os integrantes contavam seus nomes, de onde vieram e como estavam se sentindo naquele dia. Este momento inicial de identificação dos membros se fez muito importante para evidenciar a pluralidade de pessoas que estavam presentes, por exemplo, a ocasião coincidiu com a visita de uma turma do curso de Licenciatura Educação do Campo da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) que também participou do Intercâmbio. Além de, claro, a apresentação dos assentados, incluindo estudantes e professores da Escola em especial, quem seriam os guias para a próxima etapa da visita.

Seguindo a proposta da primeira etapa de atividades, foi feita uma caminhada guiada pelas áreas centrais do assentamento. Durante a caminhada foi relatado breve histórico do lugar. Foi contado que aquele território já foi, como todo o Brasil, terra indígena. Com a colonização portuguesa, o espaço deu lugar à Fazenda Fortaleza de Sant'Anna, um latifúndio produtor de café e com uso de trabalho escravo. Os donos da fazenda foram responsáveis pela construção de diversas edificações no terreno, algumas ainda estão de pé e os assentados lutam pelo tombamento delas. Na propriedade se encontram as ruínas de uma antiga senzala, de um casarão e de um espaço de beneficiamento do café. Algumas das construções históricas são tombadas e, ainda hoje, estão funcionando, como a igreja, onde acontecem missas periodicamente. Posteriormente, em meados do século XX, a fazenda foi vendida e a atividade produtiva passou a ser ligada ao leite, mas a propriedade veio à falência e foi desocupada, sobrando apenas algumas famílias de empregados. A ocupação pelo MST começou, de fato, com acampamentos em 2010, levando ao Reconhecimento de Posse da Área, pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em 2013.



No segundo momento do Intercâmbio, os participantes se dirigiram para a casa da família anfitriã que recebeu todos os convidados. Na residência de um agricultor assentado e de sua família, foi servido um grande almoço para todos que estavam ali. Em seguida, após um breve descanso, no quintal da casa, se iniciou a programação mais interativa do dia. Foi feita uma "chegança" com músicas populares e, depois, se deu início a uma roda de conversa. Foram feitas apresentações pelos estudantes da Escola Estadual Carlos Henrique Ribeiro dos Santos, que expuseram seus projetos. Então, o agricultor contou para todos sua história pessoal. Ele contou que era morador de Goiana e já conhecia a fazenda há muito tempo, não conhecia o MST, pois tinha preconceitos, mas se propôs conhecê-los quando ocuparam o lugar. Ele, então, se tornou um assentado e militante do movimento. Ele relatou suas experiências produtivas com a terra e com os animais dali, e os sonhos que almejava alcançar em sua propriedade, abrindo espaço para a atividade seguinte.

O conseguinte foi uma caminhada, feita em dois grupos divididos previamente, pelo lote visitado, guiada pelo produtor e sua esposa. Enquanto caminhavam pelo espaço e ouviam descrições sobre o terreno, as pessoas foram convidadas a recolher um item presente ali que lhes chamou atenção, para ser levado para um círculo de debate. Ao final, foi feita outra roda no quintal, onde foram apresentados, individualmente, os elementos recolhidos por cada participante. A cada apresentação, o coletor explicava o porquê de ter escolhido seu elemento e o relacionava com as histórias e explicações dadas naquele dia, além de suas percepções pessoais e conselhos relativos aos problemas observados. Criou-se, então, um ambiente frutífero de relatos das emoções sentidas e das reflexões feitas durante o Intercâmbio.

A programação foi encerrada com as atividades previstas para um Intercâmbio, foi feita uma troca de mudas e semente e, como segue a tradição mineira, foi servida uma mesa da partilha com um vasto café da tarde. Os abraços de despedida foram muitos, frutos da gratidão mútua de todos os envolvidos nessa experiência tão rica. Todos os convidados, vindos de Viçosa, entraram de volta na van e voltaram para casa, ritualisticamente, junto com o Sol, que se escondia por detrás das serras.

Resultados

Os resultados do Intercâmbio não poderiam ter sido mais positivos e condizentes com os objetivos propostos. Primeiramente, a apresentação da história do local foi de extrema importância para um entendimento conciso da realidade experimentada ali. Visto que, se concretizou, em carne viva, diante dos olhos dos visitantes a história, não só do Assentamento, mas de todo o Brasil. O passado e o presente daquele território são similares ao de muitos outros a nível nacional. Ali se fez clara a importância nacional do MST e da sua luta pela reforma agrária, pela soberania e segurança alimentar e pela emancipação histórica dos povos, através do cumprimento das funções sociais da terra. O Intercâmbio se mostrou como uma



verdadeira experiência etnográfica e uma fonte para múltiplas discussões e reflexões, tanto que se tornou este relato.

Os assentados compartilharam seus modos de vida e seus sonhos para um assentamento melhor, junto com os desafios financeiros e da falta de políticas públicas, possibilitando que eles espalhassem a luta do MST pelos seus ideais. Houve tamanha conscientização que, até mesmo o motorista da van que veio da UFV, que antes afirmava não saber nada do movimento dos sem-terra e só ter ouvido falar que eram “um bando de vagabundos” (como propaga, falaciosamente, a mídia hegemônica), afirmou ter mudado completamente sua visão sobre o MST. Tomadas de consciência crítica como esta, advinda de um convidado que estava ali apenas cumprindo seu trabalho cotidiano, evidenciam a força e o poder pedagógico do simples ato de se conhecer um contexto diferente do habitual.

Os convidados da UFV, além de fortalecerem os laços pré-existentes com o Assentamento, conseguiram participar de uma vivência da construção prática da agroecologia na Zona da Mata Mineira. O Intercâmbio serviu para os alunos como um exercício de formação para experiências futuras. Principalmente para aqueles que pretendem se tornar educadores, como forma de valorizar a extensão e o conhecimento coletivo. Por exemplo, durante a caminhada pela propriedade da família assentada, houveram conversas entre assentados e membros do ECOA formados em ciências agrárias sobre quais seriam as melhores opções para instalar projetos ali, sempre cultivando o respeito e a dialogicidade entre as diversas formas do saber. Tais valores e conhecimentos, decerto, continuarão reverberando em todas as futuras Trocas de Saberes da UFV.

A importância deste relato se torna palpável com a própria formulação dele. Como afirma Holliday (2006), sistematizar experiências parece uma tarefa difícil e sem sentido, mas é necessária e deve sobrepôr desafios político-pedagógicos. Desafios, neste caso, como a falta de espaço que a agroecologia recebe dentro das Universidades Federais, a falta de interesse e incentivos institucionais e as deliberadas políticas de desarticulação das redes de resistência. O registro, então, se torna uma forma de luta e abre espaço para que outras pessoas tentem fazer educação de formas paralelas ao sistema ortodoxo que domina as universidades do Brasil.

Quiçá, no futuro, surjam mais educadores acadêmicos e populares que se inspirem em métodos pedagógicos, como os Intercâmbios, para ressonar a luta por um ensino mais justo e igualitário. E assim, se construir práticas coletivas, verdadeiramente agroecológicas.

Toda força à educação popular e do campo!



Agradecimentos

Aos assentados e assentadas do Assentamento Dênis Gonçalves pelo convite e pelos ensinamentos.

Ao ECOA-UFV por ter proporcionado a experiência aos estudantes da disciplina e demais interessados.

À todos os membros do movimento agroecológico da UFV, pelo apoio que fornecem diariamente.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 78. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021, 256 p.

GOMES DA SILVA, Marcio. Educação popular e experiências educativas em Agroecologia. **Revista de Educação Popular**, v. 21, n. 1, 2022.

HOLLIDAY, Oscar Jara et al. **Para sistematizar experiências**. Brasília: MMA, v. 2, p. 1-128, 2006.

MACHÍN-SOSA, Braulio. et al. **Revolução agroecológica: o movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba**. 2.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012, 152 p.